

Como retomar as possibilidades mediúnicas de outra época? — inquiria, tristonha.

Faces engelhadas, sob rala cabeleira de neve, muito trêmula e esperançosa, dirigiu-se ao velho grupo doutrinário, na ânsia de ouvir a mãezinha, de novo, já que se lhe fizera inacessível a palavra do companheiro.

Reuniu-se apenas com a médium da casa e mais duas irmãs. Pedia mensagem mais íntima, em renovada orientação materna, de modo a solver o seu problema mediúnico.

Finda a sentida prece, a genitora prestimosa tomou a palavra com saudações afáveis e doces.

Dona Mercedes, em pranto, expôs o martírio do coração atormentado. Queria reapossar-se da clarividência. Aguardava, ansiosa, o instante de rever o esposo inolvidável e contribuir na missão da verdade e da luz.

A entidade afetuosa, em terna quietude, deixou que a filha derramasse todo o fel que se lhe reprezava na alma ulcerada e respondeu, por fim, em voz triste:

— Ah! Mercedes; por mais de vinte anos, convidei teu coração à redentora tarefa! porque te demoraste tanto na decisão? agora, filha, o dia está quase findo... enferrujou-se a enxada, sem a necessária e bendita utilização. Não quiseste nem mesmo combater as impressões nervosas, vagas e infantis, acreditando mais na moléstia que na saúde. O tempo não podia esperar por ti e, agora, é necessário que esperes pelo tempo!...

— Deus meu! — exclamou a viúva, amargurada — será mesmo impossível?

E ante as suas lágrimas convulsas, respondeu a mãezinha, angustiadamente:

— Sim, minha filha, não te posso enganar com o falso conforto. A tua tarefa mediúnica, incontestavelmente, agora, é assunto para outra reencarnação.

XXVII

ESPIRITISMO CIENTIFICO APENAS ?

Grande contingente de estudiosos das teses espiritistas pleiteia agora uma situação especial de evidência para o Espiritismo estritamente científico, pugnando pelo esquecimento dos tesouros evangélicos. Alguns vão ao extremo de condenar a prática da prece. Outros apontam as tarefas de consolação com uma pontinha de ridículo na observação impenzada e mordaz. A invocação dos ensinamentos do Cristo provoca-lhes estranheza ao coração. São discípulos que esqueceram suas origens, olvidando o carinho das mãos dedicadas que lhes guiaram os passos vacilantes do princípio.

Querem fenômenos e prosélitos.

Seria interessante para os novos trabalhadores do Evangelho povoarem seus centros de oração e de estudo com balanças, agulhas, trenas e máquinas elétricas. No meio de todo esse aparelhamento, haveria uma cátedra para o estranho Colombo, disposto à maravilhosa descoberta do plano espiritual, sentado calmamente em sua cadeira. A operação mais difícil seria encontrar o Espírito verdadeiramente sábio e amigo, que viesse de sua adaptação aos desígnios de Deus para tocar o botão misterioso da maquinaria humana, como o pequeno vagabundo contratado repentinamente, nos palcos improvisados, para os toques da mágica imprevista.

E' certo que ninguém poderá excluir as características científicas no exame transcendente do intercâmbio entre os vivos da Terra e os vivos do Infinito. Toda indagação séria é justa e toda análise conscienciosa produzirá os frutos doces da ver-

dade. Charles Richet, com toda a sua impertinência de pesquisador, prestou grande serviço à divulgação dos novos ensinamentos; suas perquirições desapassionadas e incessantes impuseram respeito aos valores psíquicos, entre os espíritos mais empedernidos de nossa época.

Mas, entre a mentalidade indagadora e a mentalidade leviana existe considerável distância.

A grande questão de todos os tempos não é propriamente a de conhecer, mas a de entender a finalidade do conhecimento.

O Espiritismo constitui a porta da esperança para um mundo melhor. Seus fenômenos representam chamamentos comuns para uma compreensão mais elevada dos valores da vida. O intercâmbio entre a natureza visível e a invisível conduz a profundas ilações de ordem moral, que é necessário não esquecer. Sua expressão religiosa com o Cristo tem de ser essencial. Sua mensagem permanente tem no Evangelho os primórdios eternos. Nada poderá realizar de substancialmente útil, sem aquele Divino Amigo dos homens.

Instalar mais uma ciência puramente intelectual, onde todas as expressões científicas do cérebro sem o coração já faliram desastrosamente, no capítulo da elevação real da criatura, não constituiria uma levandade de consequências fatais?

A plataforma espiritista, em todos os lugares, será, antes de tudo, uma aleluia dos corações. Suas vozes deverão reviver as lições incompreendidas daquele Mestre amoroso e sábio que veio salvar os pecadores.

O Evangelho está repleto das expressões "subir ao monte". Jesus pregava no "monte". Comumente, os discípulos iam encontrá-lo aí, de modo a lhe ouvirem o ensinamento.

Nós, entretanto, os espíritos pobres e endividados, que nos encontramos em esforços de auto-reajustamento sobre a Terra, na carne ou fora de seus liames, constituímos a pesada multidão de seres indecisos no vale sombrio da morte, da enfer-

midade, do sofrimento. Para encontrarmos o Cristo, é indispensável a viagem difícil da montanha. E preciso alçar o coração, no sacrifício, e marchar, marchar, não obstante todos os apelos das ambições desvairadas, vencendo as sugestões do egoísmo e da tentação do bem-estar, que, por vezes, se manifestam, inesperadamente, nas observações afetuosas, de timbre familiar.

A realização cristã, que é o primeiro programa do Espiritismo santificante, não se conquista tão só com as rotulagens científicas e deduções filosóficas, mais ou menos brilhantes. Os antepassados dos discípulos atuais, nas diversas famílias religiosas do Cristianismo, adquiriram os valores da fé com a própria vida. Para conduzirem um mundo que se perdia na destruição e na indiferença, a tomar conhecimento do Cristo, nunca se vestiram com a túnica da inconstância. Padeceram e morreram. Deram-se em holocausto, imolando-se a si próprios.

A inquietação tem sido um mal de todos os séculos. Mas, seria justo perguntarmos ao homem dos tempos que correm, quando os problemas da profundidade submarina e da estratosfera o preocupam, porque se espanta consigo próprio, entre as muralhas dos livros de paz e as ruínas fumegantes das guerras.

Enquanto o Espiritismo se constitui em fonte de alívio para a compacta fileira de infelizes que buscam ansiosamente as suas águas confortadoras e claras, alguns de seus estudiosos se deixam empolgar pela mania das novidades, ansiosos pela atenção balofa dos publicistas sem consciência dos valores sentimentais.

De nossos núcleos, temos de afirmar que, sem a sintonia com o Cristo, qualquer edificação será inútil.

Taunay, em suas "Reminiscências", conta que o Conselheiro Paulino José Soares de Souza era o provedor da Santa Casa da Misericórdia, no Rio de Janeiro, quando as autoridades republicanas, logo

após a queda do Império, o intimaram a eliminar o "Deus guarde" dos seus expedientes oficiais, nas relações com o Governo.

Mas o Conselheiro experiente respondeu sem titubear:

— Não me é possível aceder às indicações de V. Excia., porquanto, neste estabelecimento, ainda há Deus e nem se pode dispensá-lo, entre tantos sofrimentos e misérias dos homens.

E prosseguiu com as mesmas expressões.

Aos que nos disserem de um Espiritismo científico apenas, tomados pelo entusiasmo fácil dos jogos de palavras, responderemos igualmente:

— Não nos seria lícito seguir em vossas águas, porque, entre nós, antes de tudo, prevalecem os fundamentos da verdade com Jesus-Cristo e, considerando a extensão de nossas necessidades, não sabemos daqui a quantos séculos poderemos pensar em modificação das velhas fórmulas.

XXVIII

A PARABOLA DO RICO

Na pequena assembleia espiritual, estudávamos a Parábola do Rico.

Alguns intelectuais, brilhantes no mundo, inclinavam-se comovidos ante a necessidade de penetrarem a luz dos capítulos simples do Evangelista.

Na cátedra das lições costumeiras, a figura de Pedro Richard nos acompanhava com atenção generosa e sincera.

O quadro não era muito diferente das circunstâncias em que se poderia realizar sobre a Terra.

A esfera espiritual próxima do planeta é uma figura de transição, em que o gosto terrestre tem quase absoluta predominância.

O amplo recinto oferecia o aspecto de um parlamento singelo e acolhedor e, como ponto central, aquele velhinho, amigo de Ismael e de Jesus, com os cabelos nevados, parecendo feitos com a luz prateada das mais dolorosas experiências, ensinava o sentido oculto das preciosas lições do Cristo.

— Afinal — exclama um dos meus amigos —, existem realmente os grandes usurários e os ricos infelizes no mundo. São os dilapidadores dos bens coletivos, porque a movimentação do dinheiro poderia incentivar o trabalho, atenuando as dificuldades dos mais infelizes.

— Entretanto — atalha um dos presentes —, temos as fortunas dos grandes beneméritos da Humanidade. Um Rockefeller, um Carnegie, que estimulam as grandes iniciativas, em favor do bem público, não serão ricos amados de Deus? E os Henry Ford, que transformam os pântanos em parques